

A EXIGÊNCIA DOS TEMPOS EM QUE VIVEMOS



António Duarte Mata,
DDS, PhD, FICD - Professor
Catedrático da Faculdade
de Medicina Dentária da
Universidade de Lisboa.

Este será talvez o texto mais difícil que me pediram para escrever em toda a minha carreira. É uma responsabilidade enorme tentar comunicar de forma eloquente e clara sobre esta doença na fase em que todos vivemos e que nos afeta profundamente em todos os planos das nossas vidas. Todos os arquétipos que temos enquanto seres humanos para responder a questões, misturam-se num turbilhão intelectual difícil de serenar. Mistura-se o dogmatismo da fé com o raciocínio filosófico e a objetividade científica. Eu próprio fiz disso mesmo testemunho quando a 17 de março último perdi a minha mãe, que com um Alzheimer avançado não resistiu a complicações derivadas de uma fratura do colo do fémur sofrida em janeiro. Morreu sozinha, sem o apoio das únicas pessoas que ainda conhecia (a minha cunhada, o meu irmão e eu próprio) porque a instituição em que se encontrava proibiu compreensivelmente as visitas em consequência da Covid-19. As dificuldades subsequentes nos preparativos fúnebres impediram a homenagem merecida que todos gostaríamos, numa cerimónia minimalista que não lhe fez justiça. É terrível, embora pouco, comparado com muitos outros dramas reais a que assistimos diariamente por todos os canais de comunicação que nos rodeiam. Aliás, a forma como a informação sobre esta doença tem emergido também é um fenómeno novo. Nunca antes na história da humanidade tínhamos seguido uma doença no mundo caso a caso, hoje foi o Manel amanhã a Maria, e apesar da informação ser benéfica, a forma como é veiculada pode ser geradora de medo e ansiedade que são perniciosos e impedem o discernimento. Imaginem o que seria se seguissemos este modelo para as 60 000 000 de mortes que ocorrem no mundo por ano. Seria um fardo demasiado pesado porque obviamente todos valorizamos a vida humana e a morte é sempre trágica. Também aqui é preciso alguma ponderação a bem da racionalização. Importa, pois, começar a discernir.

O denominador comum em toda esta problemática da Covid-19 é a incerteza, de onde decorrem todos os efeitos nefastos e ameaças civilizacionais que esta pandemia nos traz. Com a incerteza vem a angústia, a entropia e efeito dominó a que assistimos enquanto ingredientes de uma tempestade perfeita. As conse-

quências serão muitas, e estender-se-ão muito para além do próprio vírus. Esta pandemia veio por a nu a total impreparação multifactorial do mundo para uma questão desta dimensão. E é bom que aprendamos porque a forma como o desenvolvimento afeta o planeta pressiona a emergência de mais situações idênticas que incidirão futuramente de forma cíclica e para as quais teremos que estar preparados. Rapidamente fomos confrontados com a impreparação, faltam-nos recursos, capacidade logística, mas sobretudo conhecimento.

Sabemos já muito sobre o vírus SARS Cov 2 mas pouco sobre a doença Covid-19.

É aqui que precisamos de intervir urgentemente. Precisamos de conhecimento sobre aspetos tão simples como por exemplo a verdadeira taxa de letalidade do vírus que se situa neste momento num intervalo entre 0,1 a 10%. É demasiado lato e faz toda a diferença estar num extremo ou nouro deste intervalo, porque afetará por exemplo a necessidade de tempo de manter um *lockdown* populacional como o que se verifica. Isolar tudo e todos num primeiro tempo faz sentido perante o desconhecido porque poupa os serviços de saúde assegurando o seu funcionamento e poupando a população, mas também os médicos e outros recursos, além do que permite ganhar tempo para desenvolver terapias ou vacinas (o anel dourado de qualquer epidemiologista). Mantém igualmente mais baixa a mortalidade de outras doenças que comprovadamente aumentam quando existem surtos pandémicos e se perde a capacidade de resposta. Agora, o *lockdown* tem que ser limitado no tempo, pois se mantido *ad eternum* pressiona a emergência de outras patologias como as doenças cardiovasculares, a depressão ou o suicídio entre outras, para não falar nos problemas económicos que surgirão inevitavelmente. Será igualmente imperioso que se testem intervenções sobre todas as medidas desde a eficácia das medidas de distanciamento social, encerramento de estruturas (escolas, etc), produção de aerossóis entre muitas outras. Uma política de testes maciça também será imperiosa para detetar cadeias de transmissão e poder fazer isolamentos sectoriais onde necessário. Acredito como imunologista que sem a emergência de imunidade na população dificilmente passaremos de uma fase pandémica para o desaparecimento do vírus ou que mais provavelmente transite para um estadio endémico com alguns surtos localizados anualmente.

No que à medicina dentária diz respeito algumas notas finais. É uma profissão geradora de grande quantidade de aerossóis justificando nesta fase a sua interrupção por motivos já amplamente enunciados. No entanto importa referir dois aspetos. Em primei-

ro, o risco de exercício profissional é aparentemente mais expressivo para o profissional, e daí a necessidade de atender os pacientes com Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) reforçados. Obviamente que médicos infetados se transformam eles próprios em vetores da doença o que também não é recomendável. Em segundo, importa salientar que a medicina dentária está munida de protocolos rígidos que impedem a infeção cruzada até no que respeita a outro tipo de micro-organismos mais prevalentes e perigosos. É preciso que a população não perca o entendimento que os consultórios dentários são locais seguros e que estas medidas são de exceção e cautelares no que respeita a um vírus que é novo e que exige maior cuidado até à clarificação da presente situação.

Importa agora refletir e analisar as medidas que serão necessárias para o exercício profissional num contexto pós pandémico. Estas medidas têm que ser eficazes, mas equilibradas de uma forma que avalie o custo de efetividade e que preserve a continuidade da própria profissão. Deverão ser geradas normas que tenham subjacentes a melhor evidência científica a partir desta doença ou, na sua ausência, de outras epidemias com características proximais. Nesse contexto o Centro de Investigação e Inovação em Ciências Dentárias (CIROS), da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e a Unidade de Investigação em Ciências Orais e Biomédicas (UICOB), da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa, procederam à criação de um grupo de trabalho dedicado ao tema "A Medicina Dentária no pós-pandemia COVID-19" objetivando entre outros "a apresentação e difusão de recomendações de boas práticas nos locais onde se exerça a atividade ou o ensino da Medicina Dentária, em todas as suas vertentes, no contexto da pandemia e com particular enfoque no reinício de uma plena atividade".

Como dizia Rousseau, "o conhecimento humaniza-nos"... O medo é legítimo, mas sobretudo se prolongado no tempo paralisa-nos e é um estado de ignorância. Há uma diferença entre medo e cautela. A cautela pode ser benéfica perante o desconhecido. Agora temos de encontrar soluções. E estas apenas vão surgir com a dilatação do conhecimento nesta matéria. Felizmente e talvez como nunca, a rapidez de conhecimento para esta doença está a surgir a uma velocidade nunca vista em medicina. Aspetos que demoram meses a conseguir estão a surgir em dias como a descodificação do vírus, etc... E aqui precisamos de todos, médicos, pacientes decisores e académicos. Temos de estar atentos e ir adaptando as nossas repostas ao minuto. Só assim venceremos esta batalha. ■